

# Guerra e teologia da história em sermões de Vieira

JOSÉ NUNES CARREIRA

Universidade de Lisboa

No Brasil desde os 8 anos (1616), jesuíta aos quinze (1623), António Vieira vivia na tranquilidade da monarquia dual. Concluiu os dois anos de noviciado e professou na Companhia de Jesus (1625). Enviado para o Colégio de Olinda (1626), aí ensinou Retórica durante pelo menos dois anos (ele dirá 3 anos aos inquisidores), regressando a Salvador. Em Setembro redige a *Carta Annuua ao Geral os Jesuítas*, o seu primeiro escrito conhecido.

Acabara entretanto a tranquilidade da colónia portuguesa. A Baía foi a primeira a cair aos golpes das armas holandesas. A notícia da tomada de Salvador chegou a Lisboa a 25 de Julho de 1624 e levou Filipe IV a juntar uma armada das duas coroas para recuperar a cidade. A esquadra luso-espanhola atracou na Baía na noite de 1 de Abril de 1625, domingo de Páscoa. Numa carta, o padre António Vieira comparava a boa nova ao Aleluia da Ressurreição e não calava o espanto pelas sessenta velas que ocupavam a baía, «a mais poderosa armada que atravessou a linha». A 1 de Maio, a cidade foi reconquistada e os holandeses expulsos.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Cf. J. VERÍSSIMO SERRÃO, *História de Portugal, IV: Governo dos reis espanhóis (1580-1640)*, Lisboa 1979, pp. 101-102.

Expulsos, mas não de tal maneira derrotados que cessasse o assalto à ambicionada colónia. Olinda veio a cair em 1630, a Paraíba e o Recife em 1635. O avanço dos flamengos causou grande pesar no reino e na colónia, não havendo condições para repetir a recuperação da Baía. Pelo contrário, esta foi de novo atacada por poderosa esquadra holandesa, comandada pelo próprio Nassau. Espanta como Salvador resistiu a um mês de cerco apertado (Abril de 1638).

## I

Ante a expansão flamenga e a luta feroz pela restauração da terra ocupada, não havia muito tempo para especular sobre quimeras. Nem para levar longe de mais o patriotismo. Filipe IV de Espanha e III de Portugal é «Sua Majestade que Deus guarde».<sup>2</sup>

A situação política e militar do Brasil, sob administração corrupta, estava longe de ser brilhante. «Esta é a causa original das doenças do Brasil, tomar o alheio, cobiças, interesses, ganhos, e conveniências particulares, por onde a justiça se não guarda, e o estado se perde. Perde-se o Brasil, Senhor (digamo-lo em uma palavra), porque alguns ministros de Sua Majestade não vêm cá buscar nosso bem, vêm cá buscar nossos bens. Assim como dissemos que se perdeu o mundo, porque Adão só fez ametade do que Deus lhe mandou, em sentido averso, guardar sim, trabalhar não; assim podemos dizer, que se perde também o Brasil, porque alguns dos seus ministros não mais fazem que ametade do que el-rei lhes manda. (...) Este tomar o alheio, ou seja, o do rei, ou o dos povos, é a origem da doença.» E para que as palavras certeiras e cortantes sobre «as várias artes e modos, e instrumentos de tomar» não se perdessem no vago, Vieira aponta o dedo acusador: «Toma nesta terra o ministro da Justiça? Sim, toma. Toma o ministro da Fazenda? Sim, toma. Toma o ministro da República? Sim, toma. Toma o ministro da Milícia? Sim, toma. Toma o ministro do Estado? Sim, toma.

<sup>2</sup> «Sermão de Santo António» (Baía, 1638), «havendo os Holandeses levantado o sítio», I: PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Obras Completas. Sermões*, Porto 1959, VII, 28. Já D. João IV reinava em Lisboa e ainda Vieira invocava o «invicto nome do monarca das Espanhas» (Filipe IV): «Sermão do dia de Reis» de 1641, pregado no Colégio da Baía, IX: *Sermões*, II, 91. O que soa hoje a falso ou a ironia involuntária; na ignorância do facto, o pregador cumpria as obrigações protocolares de um «sermão político».

E como tantos sintomas lhe sobrevêm ao pobre enfermo, e todos acometem à cabeça, e ao coração, que são as partes mais vitais, e todos são atractivos e contractivos do dinheiro, que é o nervo dos exércitos e das repúblicas, fica tomado todo o corpo, e tolhido de pés e mãos, sem haver mão esquerda que castigue, nem mão direita que premeie.» Com corrupção tão generalizada, «milagre é que (o doente) não tenha expirado».<sup>3</sup>

Como se os corruptos fossem só os ministros! «Como se havia de restaurar o Brasil (não falo de hoje, nem de ontem, que a enfermidade é muito antiga), como se havia de restaurar o Brasil, se ia o capitão levantar uma companhia pelos lugares de fora, por lhe não fugirem os soldados, trazia-os na algibeira? (...) Como se havia de restaurar o Brasil, se os mantimentos se abarcavam com mão de el-rei e talvez os vendiam seus ministros, os ministros de seus ministros (que não há Adão que não tenha Eva), pondo os preços às cousas a cobiça de quem vendia, e a necessidade de quem comprava? (...) Como se havia de restaurar o Brasil, se o capitão de infantaria por comer as praças aos soldados, os absolvía das guardas, e das outras obrigações militares, envilecendo-se em ofícios mecânicos os ânimos, que hão-de ser nobres e generosos? Como se havia de restaurar o Brasil, se o capitão-de-mar-e-guerra fazia cruel guerra ao seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxárcias, as velas, as antenas, e se não vendeu o casco do galeão, foi porque não achou quem lho comprasse? E, como, mais ou menos, por nossos pecados, sempre houve no Brasil alguns ministros destas qualidades, que importava que os generais ilustríssimos fossem tão puros como o Sol, e tão incorruptíveis como os orbes celestes?»<sup>4</sup>

Esses dirigentes são como nuvens: «não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar, encher-se (por meios ocultos, mas sabidos), e ao cabo de três ou quatro anos, em vez de fertilizarem a nossa terra com a água que era nossa, abrem as asas ao vento, e vão chover em Lisboa, espediçar em Madrid. Por isso nada lhe luz ao Brasil, por mais que dê, nada lhe monta, e nada lhe aproveita, por mais que faça, por mais que se desfaça.»<sup>5</sup> Vieira antecipa quantos clamaram contra os males da

<sup>3</sup> «Sermão da Visitação de Nossa Senhora», pregado no Hospital da Misericórdia da Baía, na ocasião em que chegou àquela cidade o marquês de Montalvão, vi: *Sermões*, IX, 342-343. «D. Jorge de Mascarenhas, marquês de Montalvão, desembarcou na Baía a 26 de Maio de 1640, com a missão de estabelecer tréguas com Nassau antes de reunir as forças necessárias à expulsão dos holandeses» (J. VERÍSSIMO SERRÃO, *História de Portugal, V: A Restauração e a Monarquia Absoluta [1640-1750]*, Lisboa <sup>2</sup>1982, p. 107). Ocorrendo a festa da Visitação a 2 de Julho, o sermão foi pregado passado mais de um mês sobre a chegada do vice-rei.

<sup>4</sup> *Ibid.*, 344.

<sup>5</sup> *Ibid.*, VII: *Sermões*, IX, 345.

colonização: «Desfazia-se o povo em tributos, e mais tributos, em imposições, e mais imposições, em donativos, e mais donativos, em esmolos, e mais esmolos (que até à humildade deste nome se sujeitava a necessidade, ou se abatia a cobiça), e no cabo nada aproveitava, nada luzia, nada aparecia. Porque? Porque o dinheiro não passava das mãos por onde passava. Muito deu em seu tempo Pernambuco: muito deu, e dá hoje a Baía, e nada se logra; porque o que se tira do Brasil, tira-se do Brasil; o Brasil o dá, Portugal o leva.»<sup>6</sup>

No panorama sombrio e deprimente, salvavam-se os soldados que combatiam no Brasil, «que não há soldados no mundo, nem que mais valentes sejam, nem que mais sirvam, nem que mais trabalhem, nem que mais mereçam». E vai de desenrolar uma «ladainha mui comprida de seus serviços e trabalhos», parafraseando o auto-elogio de S. Paulo descrevendo os seus tormentos na *Segunda Carta aos Coríntios* (11): trabalhos, cárceres, feridas, mortes, caminhadas por estradas e matos, travessia de rios caudalosos, «emboscadas do gentio rebelde», perigos na cidade, no deserto e no mar, perigos de falsos irmãos, frio e nudez, fome, sede e jejuns.<sup>7</sup>

Bem ou mal capitaneados, os soldados pugnavam de armas na mão. Vieira ajudava com o vigor do verbo; e nesta missão subiu ao púlpito da igreja de Santo António da Baía, a 13 de Junho de 1638, para traçar um largo encómio de fervor religioso e patriótico.

Começavam as corajosas incursões no estado político e militar da Província a partir do púlpito. Quando menos o esperamos, o orador deixa Escrituras e doutrinas, quer dogmáticas quer morais, e quase enverga o traje de comandante de tropas em parada de vitória – ribombar da artilharia holandesa, granadas a cair nas calçadas sem ferir ninguém, soldados portugueses arremetendo bravamente contra os hereges, tudo em grande profusão de pormenores até à rendição do inimigo e levantamento do cerco. Que riqueza de pormenores e deleite manifesto na descrição da batalha, aparentemente impróprios de púlpito cristão! Nem faltou espionagem e contra-informação.<sup>8</sup>

A força das armas não explicava tudo – e aqui entra a teologia da história. A chave da vitória assentava mais alto, a saber, no protector da cidade.

<sup>6</sup> *Ibid.*, VI: *Sermões*, IX, 344.

<sup>7</sup> *Ibid.*, V: *Sermões*, IX, 337-342.

<sup>8</sup> «Sermão de Santo António» (Baía, 1638), «havendo os Holandeses levantado o sítio», IV-V: *Sermões*, VII, 39-54.

Vinha muito a propósito o lema escolhido – uma passagem da descrição do cerco que os Assírios puseram à capital de Judá, em 701 a. C. Aí prometera Deus «salvar» a cidade.<sup>9</sup> «Fala o texto à letra do sítio que com poderoso exército veio pôr sobre Jerusalém Senaquerib, rei dos Assírios». Mas a promessa aplicou-se com toda a propriedade à capital da Baía: «Pudera dizer, para a conservar, para a sustentar, para a defender, para lhe dar vitória de seus inimigos: e porque não diz, senão para a salvar: *Et salvabo eam?* Porque a Baía é cidade do Salvador: e ainda que o conservá-la, defendê-la, e dar-lhe vitória, era efeito da mesma protecção, não era conforme o nome da cidade e do seu protector. O efeito, a obra, e a acção própria do Salvador, é salvar; pois por isso diz Deus que há-de salvar a cidade.»<sup>10</sup> Se Isaías, como «historiador escreveu o sucesso do sítio de Jerusalém», «como profeta pintou nele o da Baía.»<sup>11</sup> «E porque a Baía é cidade do Salvador, bem se segue que salvando-a, salvou para Si, porque salvou a sua cidade».<sup>12</sup>

O milagre acompanhava a luta: «Os tiros da artilharia inimiga que se contaram, foram mais de mil e seiscentos, e choveram a maior parte deles sobre a cidade; e que faziam? Uns caindo saltando, e rodando furiosamente pelas ruas e praças: outros rompiam as paredes, outros destroncavam os telhados, despedindo outras tantas balas, quantas eram as pedras e as telhas: e foi cousa verdadeiramente milagrosa, que a nenhuma pessoa matassem, nem ferissem, nem ainda tocassem dentro da cidade, sendo que chegaram a levar ou despir a algumas ainda as roupas mais interiores, mas sem nódoa, nem sinal nos corpos. E para maior excesso da maravilha, quando as balas que choviam por elevação na cidade, nenhum dano fizeram nos moradores, é certo que as nossas culebrinas, que também jogavam por elevação desde as portas da Sé, caindo no vale onde o inimigo tinha assentado o seu arraial, mataram muitos dos he-reges. (...) Estes eram os brindes que o flamengo fazia à cidade... Eles brindavam à nossa saúde, e nós à sua morte.»<sup>13</sup> Não restou outra saída ao Holandês senão levantar âncora e «voltar por onde veio. Pelas nove e dez horas do dia saiu pela Baía fora a armada, triste, desembandeirada e muda».<sup>14</sup>

<sup>9</sup> 2 Re 19, 34 (para Vieira, com a *Vulgata*, 4º Livro dos Reis): *Protegam urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David servum meum* – «protegerei esta cidade e salvá-la-ei por mim e por David e pelo meu servo.»

<sup>10</sup> «Sermão de Santo António», II: *Sermões*, VII, 28-29.

<sup>11</sup> *Ibid.*, IV: *Sermões*, VII, 36.

<sup>12</sup> *Ibid.*, II: *Sermões*, VII, 30.

<sup>13</sup> *Ibid.*, IV: *Sermões*, VII, 39.

<sup>14</sup> *Ibid.*, VII: *Sermões*, VII, 53-54.

Nada de euforias descabidas, quando estava apenas «ametade da vitória ganhada». <sup>15</sup> Foi bom lembrar isso na festa de soldados (30 de Maio de 1639) – Pernambuco continuava cativa, qual Raquel esperando Jacob por mais uns anos de serviço. A vitória total exigia coragem, sacrifício e sangue: «Não sabe vencer quem não sabe dar o sangue; e mal o pode dar quem o não tem.» <sup>16</sup> Que nobres e plebeus empunhem armas para alcançar «uma vitória última de nossos inimigos, e uma liberdade geral deste, ou cativo, ou opressão, que os livres e os cativos todos padecem. Este é o maior interesse que podia ter o Brasil.» <sup>17</sup> Mas tenham os generais a humildade de Nicodemos, que foi consultar Jesus. «O maior perigo e perdição da guerra é cuidarem os doutores desta arte, que sabem tudo. Os sábios em qualquer faculdade mais sabem ouvindo, que discorrendo, e mais acompanhados, que sós.» <sup>18</sup>

E não podia faltar uma advertência aos oficiais e soldados: «Que dirão aqui muitos capitães com nome de cristãos, ou sejam dos menores, ou também (que pode ser) dos maiores? Que dias podem esperar de Deus, se dão as noites ao Diabo? Gastar as noites com Dalila, e de dia ser Sansão, ainda que seja levar a vitória pelos cabelos, só por milagre será possível.» <sup>19</sup>

Não desistiram os Holandeses de conquistar a Baía. A longa estadia da armada na cidade deu tempo a que Nassau recebesse reforços da Europa. Entre 12 e 17 de Janeiro de 1640 deu-se o embate com os holandeses, sendo a armada do conde da Torre destruída pelo inimigo. Luto e inquietação apoderaram-se da Baía, onde o padre António Vieira continuou a lançar do púlpito conselhos e avisos à população e autoridades. O ano de 1640, marcado pelo aperto e pela esperança, deu ocasião a quatro orações notáveis – o sermão 12º do Rosário, o sermão do quarto sábado da Quaresma, o sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda (Junho), o sermão da Visitação de Nossa Senhora (2 de Julho).

O sermão do Rosário <sup>20</sup> versa o tema da guerra e da paz. Por mais que confie na Virgem, Vieira encara a situação com realismo. A guerra – «nove

<sup>15</sup> «Sermão da Santa Cruz» (Baía, 1639), I: *Sermões*, VII, 3.

<sup>16</sup> *Ibid.*, III: *Sermões*, VII, 3.

<sup>17</sup> *Ibid.*, 2.

<sup>18</sup> *Ibid.*, V: *Sermões*, VII, 12.

<sup>19</sup> *Ibid.*, 8: Alusão à traição de Dalila, esposa filisteia de Sansão: sabendo por confidência do marido que o segredo da sua força extraordinária tinha origem na cabeleira intacta desde o nascimento, Dalila tratou de chamar um homem para rapar as «sete tranças» do marido adormecido nos seus joelhos (cf. Jz 16, 19-22; toda a lenda Jz 13-16).

<sup>20</sup> Segundo a rubrica pregado «na sé da Baía depois da Armada Real derrotada, no ano de 1639». Mas é seguramente de 1640, pois a derrota ocorreu a 17 de Janeiro deste ano. A memória do infausto acontecimento pa-

anos há já que a padecemos» – deixou um cortejo de dores e misérias. E o pior é que, enquanto Brasil está a arder, os «gemidos passados por tanto mar chegam tarde e frios a Europa, ou enganada, ou esquecida».<sup>21</sup> Só da guerra, nascerá uma paz honrosa: «A paz é filha da guerra, como o pacífico Salomão o foi do guerreiro David.»<sup>22</sup> Mas não de qualquer guerra: «Não nasce a doce paz de qualquer guerra, senão da guerra superior e vitoriosa quais foram as de David. A paz que não elegem, mas aceitam os vencidos, ou desesperados, não é de mel, mas de fel.»<sup>23</sup> Por isso, tem de continuar a luta armada.

Mas é só uma face da realidade. Como o soberano da história é Deus, urge obter a sua bênção para vencer o inimigo. Só com a ajuda do Alto se pode conseguir a vitória: «Cale-se logo toda a presunção humana: emudeçam arbítrios e discursos fáceis de escrever, mas impossíveis de executar; e nós, desenganados e convencidos pela evidência dos olhos, reconheçamos e confessemos que só do Céu nos pode advir o certo e infalível remédio, que é o que a Rainha do mesmo Céu nos promete glorioso no seu Rosário.» A «evidência dos olhos» dão inúmeros casos de vitória das armas católicas contra as dos hereges (também agora lutam os católicos portugueses contra os hereges holandeses). Lá vem o rosário de intervenções da Virgem, espalhadas adrede no decurso do sermão sem preocupação cronológica: cerco de Colónia (1475), vitória contra os «hereges albigenses»<sup>24</sup> na guerra de Tolosa (1218), batalha naval de Lepanto «mais perto de nossos dias»<sup>25</sup> (1570).

Os holandeses não descansaram à sombra dos êxitos militares e em Abril de 1640 vieram com uma frota de vinte navios e dois mil e quinhentos soldados atacar as costas da proximidade da Baía. Impotentes para destruir a armada invasora, os habitantes de Salvador voltam-se para Deus em preces e penitências. Vieira é incumbido de pregar o último desses sermões

rece fresca. Não deve ter sido pronunciado muito depois da derrota. Prefiro colocá-lo à cabeça dos sermões de 1640, com M. VIEIRA MENDES, *A oratória Barroca de Vieira*, Lisboa 1990, p. 549.

<sup>21</sup> «Sermão 12º do Rosário» I: *Sermões*, XI, 209.

<sup>22</sup> *Ibid.*, I: *Sermões*, XI, 208.

<sup>23</sup> *Ibid.*, II: *Sermões*, XI, 213.

<sup>24</sup> Seita herética centrada na cidade de Albi, no Languedoc, sul da França, mas com redutos importantes em Toulouse e Carcassona. Professava uma versão do dualismo maniqueu (espíritos criados por um princípio bom e eterno, matéria criada por um princípio mau e também eterno). Renitente à condenação decretada no IV concílio de Latrão (1215) e aos esforços de conversão protagonizado por cistercienses e S. Domingos, só a cruzada proclamada por Inocêncio III e dirigida por Simão da Monforte foi capaz de a debelar.

<sup>25</sup> «Sermão 12º do Rosário», II: *Sermões*, XI, 215.

e vai buscar o tema ao Sl 43/44, 23-24.26,<sup>26</sup> um grito lancinante do povo humilhado e deprimido após pesada derrota militar: «porque dormes, Senhor? Levanta-te, e não rejeites para sempre. Porque viras a tua cara? Esqueces-te da nossa indignação e da nossa tribulação? Levanta-te, Senhor, ajuda-nos e redime-nos por causa do teu nome» (deixo o original latino, com toda a sua carga retórica).

Campeia a Teologia de princípio ao fim da poderosa oração sacra. Não foram só os israelitas, humilhados por uma derrota militar, a voltar-se para Deus entre preces, gemidos e acusações: «entre todos os reinos do mundo a nenhum lhe quadra melhor (o salmo) que ao nosso reino de Portugal; e entre todas as províncias de Portugal a nenhuma vem mais ao justo que à miserável província do Brasil. Vamos lendo todo o Salmo, e em todas as cláusulas dele veremos retratadas as da nossa fortuna; o que fomos, e o que somos.»<sup>27</sup>

Ignorando soberanamente a assistência, o pregador crava os olhos no juiz e arguido ao mesmo tempo, ou seja, no próprio Deus presente no Santíssimo Sacramento exposto. Que assuma as suas responsabilidades. Caso contrário, não só ficará mal visto como sofrerá as consequências. E ainda terá de pagar as custas do processo: «As custas de toda a demanda também vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me há-de dar a vossa mesma graça as razões com que Vos hei-de arguir, a eficácia com que vos hei-de apertar, e todas as armas com que vos hei-de render.»<sup>28</sup> Ou seja: toda a argumentação jurídica se tira da própria palavra de Deus na Escritura. O resto é aplicação concreta.

O que se vive na Baía já se viveu nos tempos bíblicos. Então como agora, Deus parecia abandonar os seus, pondo em causa os seus próprios pergaminhos. Se não os ajuda por amor e dó, que os não desampare para ele próprio não ficar mal visto. Foi assim na travessia do deserto, ante o castigo iminente provocado pela adoração do bezerro de ouro. Que Javé, ao menos, salve a face. Pois, se aniquila o povo, que diriam os Egípcios desse Deus que o tirara da escravidão? *Ne quaeso dicant Aegyptii* (Ex 32,12): «Por favor, não digam os Egípcios». Moisés perguntava «que dirão: E eu digo e

<sup>26</sup> Cf. J. F. MARQUES, *A Parenética*, 210-211.

<sup>27</sup> «Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda», pregado na igreja de Nossa Senhora da Ajuda (Baía, 1640), I: *Sermões*, XIV, 297-298. Segundo M. VIEIRA MENDES (*A oratória Barroca de Vieira*, 549), terá sido pregado em Maio ou Junho; deve ser de meados de Junho (cf. nota anterior).

<sup>28</sup> *Ibid.*, 302.



devo dizer: Olhai, Senhor, que já dizem. Já dizem os hereges insolentes com os sucessos prósperos, que Vós lhe dais, ou permitis: já dizem que porque a sua que eles chamam religião é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. (...) É possível, que se hão-de ocasionar de nossos castigos blasfêmias contra vosso nome? Que diga o herege (o que treme de o pronunciar a língua), que diga o herege, que Deus está holandês. (...) Já que o pérfido calvinista dos sucessos que só lhe merecem nossos pecados faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasfemo de ser a sua a verdadeira, veja ele na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade.» Que os atinjam maldições dignas da fúria de um autor bíblico do Antigo Testamento: «Os ventos e tempestades, que descompõem e derrotam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas: as doenças e pestes que diminuem e enfraquecem os nossos exércitos, escalem as suas muralhas e despvoem os seus presídios: os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam alumiados e eles enfatuados e confusos.»<sup>29x</sup>

Baste esta pequena amostra, que não há tempo para mais.

No dia de Reis de 1641, festejava-se o virar da página – seis meses de vitórias sobre as armas holandesas. Como se a entrada do governador acompanhasse os dias a crescer no hemisfério Sul. De Junho a Dezembro, cada mês tivera pelo menos uma vitória militar. Os holandeses cediam terreno. Justificava-se, pois, plenamente a festa do dia de Reis promovida pelo marquês vice-rei, interpelado ou referido expressamente desde a primeira linha.<sup>30</sup> Respirava-se de alívio e de esperança: as vitórias eram penhor da restauração total do Brasil: «razão temos para seguramente confiar, que, na liberalidade deste inteiro agradecimento, negoceie sua excelência com a Divina Majestade as seguintes e maiores vitórias contra os Holandeses, e a desejada restauração de Pernambuco e do Brasil, por que tanto suspiramos.»<sup>31</sup> Mal imaginavam pregador e ouvintes que se dera entretanto a restauração de Portugal.

Não há dúvida de que para tais êxitos muito contribuíram «as indústrias, as diligências e execuções humanas». Antes de mais, a ação do vice-rei, chegado ao Brasil em auspiciosa conjugação astrológica («em dia de

<sup>28</sup>*Ibid.*, 302.

<sup>30</sup> «Sermão do dia de Reis» de 1641, pregado no Colégio da Baía: *Sermões*, II, 63-99.

<sup>31</sup>*Ibid.*, VII: *Sermões*, II, 87.

Santos matemáticos e astrólogos» vinha a propósito referi-lo): «Advertiu um grande matemático o dia vinte de Junho, em que o senhor marquês vice-rei entrou no Brasil, com tantas circunstâncias de felicidades na jornada, e ainda na tardança; e achou que estava o Sol no trópico de Câncer no ponto em que torna a voltar para nós, e começam nesta região a crescer os dias. Fez pois juízo, que com a entrada de sua excelência se acabavam os minguentes de nossa fortuna, e começavam os aumentos dela.»<sup>32</sup>

Acima e por detrás de tudo esteve sempre a mão de Deus, e aí se encontrava a chave do êxito: «Bem o vejo, assim como o vêem todos; e confesso que o que se tem trabalhado em seis meses, parece obra de muitos anos; mas justo é que eu me conforme, e todos nos conformemos com o desinteressado ânimo e zelo verdadeiramente cristão de sua excelência; e que apartando os olhos de todo o concurso e cooperação humana, só a Deus reconhecamos por único e total autor destas felicidades: e entre os ricos tesouros dos Reis orientais lhe ofereçamos a pobreza de nossos afectos, em humilde acção de graças, em reconhecida confissão de suas Divinas misericórdias.»<sup>33</sup>

O dedo de Deus foi particularmente manifesto em dois episódios: batalha do Espírito Santo e do Rio Real. No primeiro caso, os socorros enviados não tiraram a perplexidade aos prudentes daquela praça, que, ante «tão desigual poder», na opinião de muitos já estava tomada. «Ah, sim, diz Deus, pois dê-se a batalha no Espírito Santo, antes de chegar o socorro da Baía; e de duas espadas que podiam assistir à defesa, peleje só a de dentro, e fique a de fora embainhada, para que os mesmos desmaios da prudência humana confessem que se deve a glória ao braço divino.»<sup>34</sup> «Esta foi a vitória do Espírito Santo (que sempre fora do Espírito Santo em qualquer outro lugar que sucedera) uma das mais notáveis que hão tido no Brasil as armas católicas, e de grande importância por suas consequências.»<sup>35</sup>

O «sucesso do Rio Real... foi felicíssimo e não menos de Deus que o passado». «O que aqui se ponderou muito, foi retirar-se o inimigo, quando já o nosso exército não insistia na empresa; o mesmo pondero eu.»<sup>36</sup>

<sup>32</sup> *Ibid.*, VIII: *Sermões*, II, 88.

<sup>33</sup> *Ibid.*, VI: *Sermões*, II, 86.

<sup>34</sup> *Ibid.*, II: *Sermões*, II, 69.

<sup>35</sup> *Ibid.*, V: *Sermões*, II, 78.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

A 15 de Fevereiro de 1641 chegou a Salvador a carta régia a anunciar a Restauração. O Padre António Vieira teve a sorte de ser escolhido para acompanhar D. Fernando de Mascarenhas, filho do vice-rei do Brasil, para prestar obediência a D. João IV. E passou a pôr ao serviço da coroa restaurada, na guerra e na paz, a sua sobredotada oratória sacra. A expulsão definitiva dos holandeses teve de esperar até 1654.

## II

Ocorre perguntar se estamos realmente perante sermões «políticos», conceito que só em sentido lato se poderia aplicar à parenética da Restauração<sup>37</sup> e menos ainda aos sermões do Brasil ocupado. Verdadeiramente, a designação não faz jus à essência da oratória sacra, antes de mais por não atingir a essência de um sermão.

A religião cristã tem certamente um lastro de verdades eternas e atemporais – Deus uno e trino, fundamento de todo o ser e compêndio infinito de verdade, de que a inteligência humana partilha umas centelhas. Mas é no seu âmago uma religião histórica, como aliás a sua predecessora do Antigo Testamento. «Ao deísta puro basta uma iluminação interior para crer em Deus. Não para o Deus dos cristãos. Porque o cristianismo, já o disse, é por essência uma religião histórica. Tornem a ler o *Credo*: ‘Creio em Jesus Cristo... que foi crucificado sob o poder de Pôncio Pilatos... e ressuscitou dos mortos ao terceiro dia.’»<sup>38</sup> O mesmo vale para a religião do Antigo Testamento. Ao contrário das outras religiões do Próximo Oriente antigo, que assentavam na natureza e no mito, o credo israelita recitado na festa das Primícias e nos Salmos assentava em factos históricos: «Meu pai era uma arameu errante: desceu ao Egipto com um pequeno número e ali viveu como estrangeiro, mas depois tornou-se um povo forte e numeroso.» (Dt 26, 5; cf. Sl 78, 105, 106).<sup>39</sup>

A Teologia tem uma ideia grandiosa do mundo e do homem. Mundo criado por Deus na complexidade e unidade da grande máquina, visíveis na esfera de céu, terra e mares, experimentada no convívio imediato com

<sup>37</sup> J. F. MARQUES, *A Parenética Portuguesa e a Restauração*, 226, n. 87.

<sup>38</sup> M. BLOCH, *Introdução à História*, trad. (Coleção Saber, 59), 4ª ed., Mem Martins, s. d.

<sup>39</sup> Na opinião de D. Mathias, *Die Geschichtstheologie der Geschichtssummarien in den Psalmen* (Beiträge zur Erforschung des Alten Testaments und des antiken Judentums, 35), Frankfurt a. M. 1993, seria melhor chamar «oração» aos sumários históricos. O que não tira a essência do pensamento histórico ligado à religião do Antigo Testamento.

grande variedade de plantas e animais. Basta ler o relato bíblico da criação (Gn 1), em que luz e astros, plantas e animais, peixes e aves preparam o tablado para o homem, de estatuto tão nobre de «imagem de Deus» e tão banal de «macho e fêmea». A isto junta a Teologia cristã a «humanização» de Deus no mistério da encarnação do Verbo, a dialéctica da graça contra o pecado, a escatologia de um homem novo e de um mundo novo a consumir em Cristo. E assim uma nova antropologia, superando a dualidade judaica de corpo vivo/corpo morto e a grega de corpo e alma por um homem novo vivendo do Espírito de Cristo, participando da sua paixão e sua ressurreição. Tudo isto está implícito em qualquer sermão, «político», «apologético», «moral» ou «congratulatorio».

Vieira tem uma filosofia da história mestra da vida, na sequência Políbio, Salústio e sobretudo de Cícero, que teve o mérito de distinguir entre história como ciência desinteressada («*historia vita memoriae et lux veritatis*») e história mestra da vida («*historia magistra vitae*»).<sup>40</sup> Quantos exemplos da história profana e sobretudo bíblica não ocorrem nos sermões de Vieira, para exemplo do que fazer ou evitar. Mas o pregador tem sobretudo uma teologia da história. No Brasil ocupado, não vê perspectiva de vitória senão com a luta armada. Da guerra é que nascerá uma paz honrosa: «A paz é filha da guerra, como o pacífico Salomão o foi do guerreiro David».<sup>41</sup>

No entanto, só a mão de Deus e a intervenção de Nossa Senhora são penhor de vitória, como aconteceu nas guerras contra os albigenses e na batalha de Lepanto, entre outras. Nas vitórias das armas portuguesas na segunda metade de 1640, o dedo de Deus foi particularmente manifesto. Não era apenas fervor patriótico a ditar a guerra sem tréguas ao invasor holandês. Na visão do padre António Vieira, tratava-se de uma cruzada contra o herege, enfatizada ao extremo no sermão contra as armas de Holanda. A restauração da monarquia portuguesa em 1640 foi também dádiva de Deus: as «ações de restaurar reinos» são «gratuitas, porque as dá Deus a quem é servido».<sup>42</sup>

Dizer que Vieira tem uma concepção providencialista da história é só meia verdade. O que enforma a matriz conceptual do pregador é uma teo-

<sup>40</sup> *De Orat.*, 2, 36.

<sup>41</sup> «Sermão 12º do Rosário», II: *Sermões*, XI, 213.

<sup>42</sup> «Sermão das Exéquias de El-Rei D. João IV, o animoso, o invicto Pai da Pátria, de imortal memória», I: *Sermões*, XV, 305-307.

logia da história – o desenrolar da história como sinergia de condução divina e intervenção humana: a «mercê de Deus» conjuga-se com o valor dos soldados e da nobreza portuguesa

Vieira não faz mais que aplicar à nação portuguesa a teologia bíblica e patrística da história. As raízes desta concepção mergulhavam bem fundo. Na teologia implícita de vivências arcaicas de política e fé, começou por se atribuírem a Deus intervenções retumbantes em aparatosos milagres em favor dos seus.<sup>43</sup> Um pouco de reflexão cedo abandonou essa visão de interferência intermitente pelo agir escondido e normal através de causas segundas. Sem negar nem afirmar o milagre, diz-se que «Javé... fez sair Israel do Egipto» (confissão primordial de fé do povo hebreu, ocorrendo 278 vezes na Bíblia hebraica). Mas já para o historiador deuteronomista (Jos-2 Re: séc. VI a. C.), a palavra de Deus anunciada pelos profetas e cumprida nos eventos é o motor da história de Israel e de Judá.<sup>44</sup> Falava a experiência de acções proféticas: estes arautos de Deus tinham pregado a transformação interior dos homens, sem esquecerem que ela se enquadrava em circunstancialismo social e político. Por isso, acharam por bem criticar severamente os políticos que se opunham à sua concepção do mundo e da sociedade. Quando a roda da história mundial começou a triturar os estados da Síria e os pequenos Israel e Judá viam avançar o milhafre aterrador, os profetas tiveram a espinhosa missão de alargar a intervenção divina aos impérios triunfantes. A acção de Deus na história não se limitava a Israel. Amós (8, 2) foi pessimista: «chegou o fim do meu povo». Isaías (10, 5-16) viu a mão de Deus nas conquistas do belicoso e cruel Assírio, instrumento do castigo divino para os pecados de Judá. O grande Nabucodonosor de Babilónia é elevado por Jeremias a «servo» do Deus de Israel.<sup>45</sup> Ezequiel põe o seu Deus a enviar o rei de Babilónia contra Tiro (Ez 27, 26) e a dar-lhe de mão beijada o Egipto, grande rival da época.<sup>46</sup> O Dêutero Isaías (45,1) vai ao ponto de sacralizar o império persa atribuindo a Ciro, em nome de Javé, o título de «meu ungido». Até chegarmos à visão apocalíptica, com os gran-

<sup>43</sup> Alguns exemplos: passagem do mar Vermelho a pé enxuto (Ex 14); no deserto, maná e codornizes (Ex 16) e água jorrando da rocha (Ex 17); milagre do Sol em Gabaon (Jos 10). Javé é o actor principal das guerras da instalação em Canaã, já impropriamente chamadas «guerras santas».

<sup>44</sup> Cf. G. VON RAD, «Die deuteronomistische Geschichtstheologie in den Königsbüchern» (1947), in IDEM, *Gesammelte Studien zum Alten Testament* (ThB 8), München <sup>2</sup>1961, pp. 189-204.

<sup>45</sup> Jer 27, 6: «Entreguei todas estas terras ao meu servo, Nabucodonosor»; 43, 1: «Vou mandar buscar o meu servo Nabucodonosor».

<sup>46</sup> Ez 29, 19: «Vou dar o Egipto a Nabucodonosor, rei de Babilónia.»

des impérios – Babilónios, Medos, Persas e Gregos de Alexandre e sucessores – a entrar e sair do palco da história e num ápice reduzidos a pó por um penedo rolando da montanha (Dan 2). É o fim da história e o começo de «um reino que jamais será destruído e cuja soberania nunca passará a outro reino» (2,14).<sup>47</sup>

Segundo o Apocalipse, Roma terá o mesmo fim que os impérios de Daniel. Despenhar-se-á inexoravelmente, qual outra Babilónia de fausto e opulência: «Caía, caía Babilónia a Grande» (Apoc 14, 8; cf. 18, 2). «Ai, ai daquela grande cidade de Babilónia, que numa hora veio o teu julgamento!» (Apoc 18, 1).

A 24 de Agosto de 410, o vaticínio começou a cumprir-se. Alarico entrou em Roma com as suas tropas, saqueou a cidade, destruiu palácios, jardins, teatros e templos. A Cidade Eterna também tinha pés de barro; não era capital de uma civilização mundial inabalável. Coube ao génio de Santo Agostinho digerir mentalmente o tremendo abalo. Fê-lo em mais de um sermão, a começar com o «sermão sobre a queda de Roma»<sup>48</sup>, e sobretudo no primeiro grande tratado de filosofia e teologia da história – *A cidade de Deus*.<sup>49</sup>

A história mundial e profana não se perde num emaranhado de fios sem nexo. Certamente há planos, vontades e acções dos homens a modelá-la, determinando o evoluir dos acontecimentos. Mas o grande condutor da história é Deus, capaz até de «escrever direito por linhas tortas», como reconheceu um sábio israelita (Gn 50, 20). Filosofia da história é teologia da história.

Em toda a história está o dedo de Deus sem necessidade do milagre, pois Deus age por causas segundas. Só na criação é que Deus «obrou só por si mesmo; dali por diante obrou juntamente com as causas segundas».<sup>50</sup>

Vieira é tão-só elo de uma cadeia que arranca do Antigo Testamento e prossegue com Cristo, S. Paulo, Padres da Igreja e teólogos medievais e modernos.<sup>51</sup>

<sup>47</sup> Cf. A. ALT, «Die Deutung der Weltgeschichte im Alten Testament», *Zeitschrift für Theologie und Kirche* 56 (1959) 129-137 (= IDEM, *Zur Geschichte des Volkes Israel*, München 1979, pp. 440-448).

<sup>48</sup> *Sermo de Urbis excidio*, J. P. MIGNE, *Patrologiae cursus completus. Series latina*, Paris 1844 ss, vol. 40, 718).

<sup>49</sup> Cf. *La Ciudad de Dios (1ª)* (Obras de San Agustin, XVI, 9), Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1977, pp. 54\*-61\* («introdução» de Victorino Capanaga).

<sup>50</sup> «Sermão nas exéquias do sereníssimo infante de Portugal Dom Duarte, de dolorosa memória (1649), XIV: *Sermões*, XV, 270.

<sup>51</sup> Cf. G. JOSSA, *La teologia della storia nel pensiero Cristiano del secondo secolo*, Napoli 1965. H.-I., MARROU, *Théologie de l'histoire*, Seuil, Paris 1968.